



## Aprendizagens da pedagogia ontopsicológica durante o estágio do ensino fundamental

---

Nadege Moreira Pereira<sup>1</sup> - UFSM  
Estela Maris Giordani<sup>2</sup> – UFSM/AMF

*Subtema: A pedagogia da responsabilidade. Educação para autonomia.*

### Resumo

Este artigo pretende apresentar algumas memórias acerca de uma experiência de estágio nos anos iniciais do ensino fundamental. O estágio foi realizado em uma escola pública da cidade de Santa Maria. Tais relatos visam dividir com a sociedade as vivências experimentadas na escola por meio de narrativas relativas aos resultados orientados pela abordagem da Pedagogia Ontopsicológica. O estágio curricular obrigatório teve como orientadora uma professora, cujos fundamentos se guiavam a partir da Pedagogia Ontopsicológica, nos estimulando a buscar o protagonismo responsável em nossas práticas no papel de pedagogas. As acadêmicas em processo inicial de formação deveriam estimular as crianças a participar da aula de forma protagonista e responsável. Os princípios pedagógicos que foram trabalhados no estágio foram: as relações interpessoais que a professora trabalha dentro e fora de sala de aula, como a harmonia, a auscultação, o amor, a união, o respeito, o direito, o dever e a ética. Acreditando-se que estes princípios pedagógicos quando fazem sentido e possuem significado para a criança são conhecimentos levados para toda a vida.

### Palavras-chave:

Estágio. Pedagogia Ontopsicológica. Protagonismo Responsável. Autonomia.

### 1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar narrativas referentes aos conhecimentos adquiridos durante o estágio nos anos iniciais, trazendo como a Pedagogia Ontopsicológica contribuiu para a formação profissional da área, bem como, aos alunos do ensino fundamental. Durante todo o processo de vivência das práticas pedagógicas que eram realizadas, haviam reflexões diárias que deveriam ser orientadas pela pergunta: “O que eu aprendi hoje?”

Tendo em vista que a sala de aula é um grande laboratório de descobertas diárias, as reflexões aconteceram naturalmente.

Todos os dias surgiam inquietações por parte das acadêmicas provocadas pelas interações com crianças ou com as situações educativas do contexto escolar. Destas inquietações, guiadas por alguns princípios que vamos desvelando ao longo do texto, vamos trazendo ao mesmo tempo as contribuições formativas desta pedagogia para a nossa formação pedagógica, bem como, o seu impacto no processo ensino-aprendizagem dos anos iniciais do ensino fundamental.

Uma das orientações é que a orientadora, desde o início das práticas, nos conduziu a prestar atenção aos nossos sentimentos e pensamentos durante todas as interações que estavam realizando com as crianças. Essa premissa, diferentemente de todas as teorias que aprendemos

---

<sup>1</sup> Pedagoga. E-mail: nadymoreira@gmail.com

<sup>2</sup> Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisadora da AMF. E-mail: estela@pesquisador.cnpq.br.

até então, inicialmente nos causou estranheza. Mas conforme relatávamos o que havia ocorrido, em busca de um socorro ou uma orientação, ao tentar explicar o que aconteceu, e ao mesmo tempo, auxiliar a encontrar a saída, a nossa orientadora sempre nos perguntava: “O que você estávamos sentindo e/ou pensando quando aconteceu isso?”

Com o tempo, as estagiárias começaram a considerar que elas como professoras, são referências fundamentais para as crianças na sala de aula. E com o tempo, perceberam que se elas estão agitadas as crianças se agitam, e se estão inseguras, se transmite inseguranças. Se tem algum tipo de desagrado por alguma atitude de um aluno, ou se por acaso, se cria uma espécie de rejeição por algum aluno ou mesmo uma preferência, tudo isso era percebido pelas estagiárias.

De forma que com tudo isso, o que aconteceu? Começamos a “vigiar” mais e controlar as nossas emoções porque percebemos que não precisávamos “intervir” nas crianças. Na maioria das vezes, elas agiam por reflexo ao que estávamos pensando, sentindo ou mesmo sem querer, informando inconscientemente para os nossos alunos. Observando sempre a nós e sabendo que os comportamentos dos alunos eram também (não apenas, é claro) reflexos de nós adultas, professoras, começamos a modificar o modo de reagir e de intervir no cotidiano da sala de aula. Nestas práticas encontramos principalmente dois conceitos da escola Ontopsicológica que são: campo semântico e díade, os quais vamos desenvolver na sequência.

## ***2. Princípios teóricos***

Para a Pedagogia Ontopsicológica é fundamental o conceito de campo semântico, que é uma das descobertas da Ontopsicologia. Mas o que é Ontopsicologia? Nas palavras de Meneghetti ela é “um método para autenticar e desenvolver o homem criativo. Mas para obter isso é preciso saber ler o princípio elementar que constitui a natureza humana e criteriar o positivo e negativo para ela” (2014, p. 13). E, a elaboração deste método foi possível por meio da descoberta do Campo Semântico. O campo semântico é uma informação que acontece em nível inconsciente o tempo todo. É uma informação que ocorre de íntimo a íntimo, de um dentro a outro dentro. “Existe uma ação intencional de inconsciente a inconsciente.” (MENEGHETTI, 2014, p. 187). É por isso que nos eventos em sala de aula, durante todas as interações, as acadêmicas de pedagogia começaram a ser estimuladas a prestar atenção a todo esse universo de informações não verbais que ocorriam o tempo todo entre todos os envolvidos.

Para Meneghetti (2014, p. 187), quando se trabalha em pedagogia, com as crianças, “devemos fazer referência à dimensão da transferência dinâmica de inconsciente a inconsciente (campos semânticos)”. Porque no contexto da interação entre criança e adulto, a criança, geralmente, é o polo menos estruturado (díade) e, os adultos devem estar atentos a dinâmica intencional inconsciente dos adultos que estão em interação com as crianças, pois dependendo do estado, seja de frustração que de realização daquele Eu adulto, serão os resultados (VIDOR, 1977), pois “[...] o inconsciente age, gera realidade nos indivíduos que dependem dele” (idem, p. 188). E, portanto,

prestar atenção à ação dinâmica da realidade inconsciente, no processo educativo é fundamental, visto que, pode o professor estar aparentemente querendo uma coisa, mas inconscientemente inseminando uma informação contrária, que estrutura o dependente afetivo e faz com que este, sem saber e querer execute o mandato da informação inconsciente estranha a ela. Pois, “aquilo que é dinâmica inconsciente se faz história na situação dependente” (idem).

E, para fazer Pedagogia, ou seja, a “Arte de como coadjuvar ou envolver uma criança à realização” (MENEGETTI, 2014, p. 14), é preciso “reimpostar o sujeito humano em contato consciente e operativo com o mundo da vida ou com a realidade do ser com escopo de realização individual e integral.” Por isso, para fazer pedagogia está implicada a mudança do pedagogo, do sujeito que faz pedagogia. Antes de mais nada, o pedagogo deve indagar-se em sua integralidade, identificando como foi estruturado em seu Eu e considerar que a sua dinâmica inconsciente interage e muitas vezes determina as reações dos dependentes ou menos estruturados que são os alunos. De fato, no percurso do estágio, o acadêmico descobre esta realidade e a considera, embora ainda, não consiga ler e compreender a linguagem da dinâmica psíquica inconsciente.

O perigo grave (imprimir uma pegada que faz caráter no futuro adulto) é a interferência da patologia oculta do adulto. Essa se faz meme histórico parasitante do Em Si ôntico. Essa semântica segundo a necessidade de compensação da frustração do adulto faz ocupação do *fanciullo* como território psicológico da agressão do adulto prevalente ou de referência. O adulto frustrado territorializa o pequeno com as próprias projeções compensativas. (MENEGETTI, 2014, p. 208).

O pedagogo em formação teria que fazer concomitantemente o processo de terapia de autenticação do seu Eu, mas essa é uma escolha que não está em questão quando realiza seu estágio, embora tenha sido alertado sobre isso. Porque, sem isso, também tem dificuldade em exercer o sentido da Pedagogia Ontopsicológica, que “é uma auscultação dos sinais do código-base da vida, que a criança possui intrinsecamente, para adaptar progressivamente esse projeto fundamental à elaboração da construção e responsabilidade social”. (MENEGETTI, 2014, p. 15). De todo modo, as acadêmicas eram convidadas a exercitar aprendizagens que, conforme Meneghetti significa: “me aproprio a partir do íntimo, disposição a perceber o que é para mim. a) Aquisição de modelos operativos; b) com memória de repetição.” (MENEGETTI, 2012, p. 24). Assim, as estagiárias deveriam ter o escopo de “perceber o que é para si” assim como levar os seus alunos a fazerem este mesmo movimento.

Para Meneghetti (2012, p. 73), díade significa “movimento a dois, no qual um movente não pode agir sem o coincidente heteromovente”. Significa que a um polo não pode existir sem a coexistência de outro, contudo, o problema é qual é a díade que a adulta mãe utiliza na educação de uma criança, se é patológica ou se é evolutiva. Por isso, é sempre o adulto que deve sempre conduzir a educação da criança para que ela não fique dependente, mas sim, autônoma, apreendendo as suas responsabilidades.

Ao exercitar a reflexão-ação-reflexão acerca de quais aprendizados foram possíveis lograr por meio das dinâmicas realizadas em aula, percebeu-se que a atitude a ser adotada pelas

estagiárias foi de “Disposição a perceber o que é para mim” (idem). Esta reflexão permite à estagiária, a paulatina tomada de consciência de qual é o seu verdadeiro talento e assim, iniciar o caminho de descoberta de novas aprendizagens que possam ampliar a sua monocultura inserida por meio dos estereótipos e da díade, no contexto da formação do seu Eu, possibilitando assim, exercer com maior excelência o estágio na escola.

### **3. Resultados**

Nesse trecho do trabalho buscamos relatar as aprendizagens logradas pela estagiária no transcorrer do estágio. Assim aparecem os resultados das orientações, problematizações e leituras realizadas em aula com as intervenções da professora orientadora. Segue o relato da primeira aula de estágio nos anos iniciais:

#### **“A autonomia durante a leitura”**

Em minha primeira aula trabalhei com a turma o tema: plantas; Iniciei por tal assunto, pois a mesma havia sido mencionada pelas crianças enquanto estava fazendo o diagnóstico da turma. As crianças foram questionadas se já haviam plantado alguma semente na escola. Como a maioria não havia plantado, perguntei se gostariam de realizar tal experiência? Diante da atitude positiva de todas as crianças trouxe a proposta de trabalhar o texto Vida de Estela Maris Giordani, no qual, disserta sobre a vida, a semente, o talento e a essência de cada ser. Assim sendo, iniciei a construção da palavra vida com a turma. Para trabalhar este texto, utilizei a técnica da Leitura Inteligente (LI), a qual foi desenvolvida pela mesma professora. Essa consiste em trabalhar por meio de textos informativos, buscando-se a participação das crianças para a interpretação do que está sendo dito pelo autor do texto.

De acordo com Giordani e Rambo (2013) Leitura Inteligente é um método que ensina a criança a pensar e a relacionar. Pode-se dizer que a Leitura Inteligente é o método para trabalhar a atitude de desenvolver a própria autonomia. Capacidade de compreensão. Então por meio desta, buscou-se estimular ao máximo a autonomia nas crianças da turma 23, durante o período de estágio.

O desafio atual da educação básica não é tanto a evasão e repetência; e sim, a qualidade. E, nos processos de escolarização, a leitura é um dos instrumentos básicos de aquisição de diversos conhecimentos históricos que a humanidade acumulou, e que por meio dela podem ser transmitidos. (GIORDANI e RAMBO, 2013, p. 1146).

Levando em consideração que a leitura é um instrumento de aquisição de conhecimentos, os textos trabalhados em aula partiam de situações reais, de informações que contivessem dados, acontecimentos e fatos históricos. Buscava-se trabalhar em conformidade com o interesse das crianças, sem ressaltar a fantasia, histórias fantásticas cheias de ilusão. A ideia era ensinar às crianças a leitura informativa, com argumentos plausíveis e que partissem do mundo em que elas estavam inseridas. E esse trabalhou foi possível e deu certo.

A relação pedagógica entre professor e aluno é fundada sobre a completa responsabilização da pessoa do aluno e do professor. Significa que, tanto o professor quanto o aluno respondem em primeira pessoa sobre as aprendizagens que ocorrem em si mesmos. Porém, há que se considerar que como se trata de uma relação, supõe-se que ocorra autonomia. “‘Autônomo’ significa que posso sozinho ser força, um dividido distinto, capaz de cada eficiência para a própria individuação” (MENEGETTI, 2007, p. 18). Ou seja, supõe que cada pessoa implicada coloque intencionalidade e vontade de crescer, atuando assim, o seu papel – seja aluno que professor (GIORDANI e MENDES, 2011, p. 49).

#### “Palmas às crianças”

Em minhas aulas procurei colocar em prática o princípio do protagonismo responsável, e isso aconteceu de diversas maneiras. Uma delas foi que os alunos auxiliavam a professora na confecção do material didático, como exemplo, foi o cartaz da palavra chave Vida. O que foi notável neste momento foi a dedicação com que as crianças fizeram o trabalho. As bolinhas de papel crepom já estavam diminuindo (antes eram enormes); assim como a cola usada para anexar o crepom ao palito, tudo estava sendo usada com mais cuidado.

Houve a elaboração no modo de fazer dos alunos de uma aula para a outra.

Com a apresentação de grandes avanços já na segunda aula de estágio, chegara o momento de partir para a experiência que era esperada pelas crianças, desde, o diagnóstico pré-estágio realizado com a turma 23.

#### “Plantando a autonomia”

As tardes compartilhadas com os pequenos foram muito especiais. Eis que chegou o momento tão aguardado pelas crianças. Elas estavam muito ansiosas e ficaram muito atentas ao passo-a-passo para plantar a semente de girassol.

Cada criança fez todo o procedimento sem a interferência da professora estagiária. Eles cuidaram da terra, da água, evitando que a mesma fosse derramada, e, para minha surpresa nenhuma gotinha de água foi desperdiçada.

Após finalizar a atividade, uma criança me perguntou se o girassol já iria nascer? Respondi que ainda não, que será necessário esperar mais alguns dias.

Enquanto estávamos conversando passou uma professora no corredor e parou para ver o nosso trabalho. Então ela elogiou as crianças que ficaram muito felizes com esta interação.

Podemos notar que a segurança do adulto professor é fundamental. Além disso, confiar no potencial das crianças e permitir que elas mesmas façam as tarefas, construindo seus conhecimentos, faz com que a criança se torne um colaborador ativo de sua aprendizagem. Assim, nós também, no papel de alunas, pedagogas em formação, quando fomos orientadas, também sentimos o mesmo da nossa orientadora. Ela emanava segurança e nos permitia errar, embora ficasse nos conduzindo e nos apoiando em nossas iniciativas. Também nós deveríamos nos descobrir, testar, verificar se o que pensávamos estava correto ou iria funcionar com o nosso modo de ser.

### “Aprendendo a amar com a turma 23”

Esta tarde foi minha quarta aula de estágio, e já conseguia perceber melhor os gostos das crianças.

Nossa aula iniciou com uma conversa acerca de bons costumes e palavrinhas mágicas. Então conforme as crianças traziam suas contribuições a professora estagiária foi registrando no quadro.

Após esta conversa, foi perguntado aos alunos: Que nome o nosso cartaz terá?

Então a aluna Evelyn criou o nome do cartaz, sendo este denominado: Aprendendo a amar com a turma 23.

As crianças foram chamadas para escrever uma palavra. E assim construímos o nosso cartaz.

Percebi que a interação entre eles enriquece o trabalho, sendo que o mesmo fica muito mais lindo do que havia imaginado.

Tem um detalhe que causa uma grande inquietação nas crianças. Tão logo iniciamos nossa aula, elas começam a perguntar: “Professora, nós não vamos regar o girassol?”

Diante de tamanha ansiedade, as crianças foram convidadas a regar o girassol no retorno do recreio. Antes de reingressarmos à sala paramos no corredor e cada criança regou sua plantinha. Cada um teve a sua vez. Sendo que a metodologia foi a mesma aplicada no dia em que plantamos. Cada aluno serviu a água no copinho e derramou no pote, adotando a mesma conduta de não desperdiçar a água.

Se eles percebiam que o colega estava em dificuldade logo se candidatavam a ajudá-lo. Podemos perceber a colaboração que ocorreu entre os próprios alunos, o que não havíamos observado antes destas práticas.

### “Recebendo uma ilustre visita”

Nesta tarde recebemos a visita da professora Estela Maris Giordani. Foi um momento de compartilhamento de sentimentos, aprendizagens, conhecimentos. A turma ficou muito iluminada com a visita da professora. Todas as crianças a chamavam ao mesmo tempo.

Foram plantados novos girassóis com algumas crianças, sendo este, um momento de grande troca afetiva. Em seguida pude aprender que a turma já está trabalhando em equipe, pois as crianças haviam feito um cartaz de “Bem Vinda” para receber a professora. Então, ao organizar os alunos constatei que todos ajudaram a fazer a melhor recepção para a professora.

Foi uma tarde com o verdadeiro sentido da essência do ato de conduzir e envolver as crianças em um protagonismo responsável. Se fosse definir este dia em uma palavra seria: Alegria.

O que nos chamou atenção nesta tarde, foi que geralmente os professores que visitam a turma, as deixam bastante agitadas. Mas neste caso, ocorreu o contrário.

Isso aconteceu por alguns motivos; primeiro, porque a professora estagiária, embora estivesse sendo avaliada, não se sentiu ameaçada pela professora orientadora; e segundo, porque o comportamento da professora orientadora foi de colaboração.



As crianças entenderam imediatamente a relação de colaboração e confiança que estava sendo estabelecido naquele contexto. Eis então, que se pode observar a importância da figura do adulto de referência e de que tipo de informação dinâmica ele comunica para os aprendizes.

#### “Valorizando o Protagonismo Responsável do aluno”

Posso dizer que o meu maior aprendizado nesta tarde, foi que as crianças apreciam muito serem reconhecidas, sentirem-se importantes.

O combinado para este dia era que as crianças levassem receitas trazidas de casa, pratos feitos pelas mães. Tendo em vista que nem sempre todos trazem a receita, eu pedi que as crianças que haviam trazido me entregassem, e, em seguida fui até a frente da sala e mostrei para a turma e elogiei as atitudes de tais crianças. Foi um santo remédio, as outras que não haviam trazido me pediram para trazer na próxima aula. Então eu percebi que a arte de saber conduzir deve estar muito clara em nós mesmos, pois assim, saberemos tirar o melhor proveito dos momentos compartilhados em sala.

Dando continuidade ao trabalho com a turma, realizou-se junto com os alunos uma receita de biscoitos que seriam entregues às mães. Ao colocar a “mão na massa”, trabalhar com uma atividade prática com as crianças aprendi que a experiência é fundamental para falar em medidas matemáticas e conceitos de unidades, de tempo. Não deixando passar a questão do trabalho em equipe, da ação e organização pedagógica que precisei coordenar, assim como o trabalho de sensibilização propiciado pelo amassar da massa. Foi legal perceber que o espaço da cozinha também pode ser uma sala de aula, só depende da forma como iremos conduzir as coisas. Acredito que foi uma grande superação trabalhar a receita com a turma.

O trabalho com a receita foi tão valoroso para as crianças que aula seguinte, a proposta era para que as crianças embalsassem os biscoitos para levar de presente para as suas mães. Então a grande descoberta foi perceber que os alunos já estavam preparados para exercerem o protagonismo responsável.

#### “Desafio do Protagonismo responsável”

Esta tarde estava reservada para finalizar os presentes para as mães. Sendo assim, desafiei a turma a trabalhar sozinha. Eu apenas organizei os materiais e biscoitos na frente da sala usando classes para disponibilizar todos os apetrechos para eles arrumarem os presentes. Então fui convidando um a um a vir e arrumar o seu pacote com os biscoitos. De uma forma natural as crianças ajudaram umas as outras, sem que eu precisasse falar qualquer coisa. Eles decidiram degustar uns biscoitos enquanto arrumavam no saquinho para as mães, outros ajudaram a distribuir os pacotes para os colegas, enquanto outras crianças alcançavam o fitilho para amarrar. Ao mesmo tempo outra parte da turma se envolveu com a distribuição do pedacinho de EVA para que eles escrevessem o presente que seria uma atitude. Aprendi que se criamos um ambiente propício, as crianças exercem o protagonismo responsável de uma maneira muito tranquila. Mesmo aqueles que agem infantilmente, adquiriram uma postura responsável. Se eu pudesse me descrever em uma palavra, diria que fui surpreendida.

### “Quando não prestei atenção à informação de Campo Semântico”

Esta tarde recebemos a visita de outra professora. Ela presenciou a plantação da árvore Ipê Roxo, que é o símbolo de nossa cidade Santa Maria.

Foi uma tarde carregada de emoção e descobertas. As crianças encontraram um tipo de minhoca gigante que eu nunca tinha visto antes. A Professora Visitante contribuiu e disse o nome daquela espécie de minhoca gigante. Então, sem a minha interferência a minhoca gigante foi colocada novamente na terra. Tão logo este encaminhamento as crianças novamente encontraram uma minhoca pequena. Então algumas que não sentiram medo tocaram a mesma. Em momentos como este, aprendi que de uma perspectiva infantil qualquer fenômeno se torna um marco. O que na fase adulta das pessoas acaba não tendo efeito algum. Às vezes, penso que um dia já fui como meus alunos, e estar em contato com eles me faz lembrar de um elo esquecido, mas que faz parte de minha infância.

Nesta tarde aconteceu algo curioso, nós recebemos a outra professora, eu não tinha muito contato com ela e por causa disso, me senti um pouco insegura com a sua presença e, este fenômeno gerou também instabilidade nos alunos. Então as crianças se agitaram, fizeram bagunça, tentaram chamar atenção, mas utilizaram o protagonismo infantil para este fim. Nesta situação as crianças reagiram à informação de campo semântico que eu, adulto mais estruturado havia lhes informado, visto que, os alunos, são dependentes da dinâmica do adulto de referência. Por meio da informação do campo semântico reagiram a presença da professora visitante em conformidade com os pensamentos e sentimentos que eu estava ocultando dentro de mim, mas que eram presentes e fortes. O comportamento das crianças revela a informação emitida pelo inconsciente do adulto que é a referência naquele contexto. Neste caso, quando fomos trabalhar este fenômeno com a professora orientadora, que se utiliza dos princípios da Pedagogia Ontopsicológica para orientar, entendemos o que aconteceu. E, percebemos que poderíamos ter reagido imediatamente revertido à situação, se tivéssemos compreendido a dinâmica que fazia com que os nossos alunos reagissem daquela forma.

#### ***4. Considerações Finais***

Ao concluir o estágio supervisionado nos anos iniciais foi possível perceber que as estagiárias do curso de Pedagogia tiveram uma grande oportunidade de aprenderem uma nova abordagem pedagógica antes não estudada: a Pedagogia Ontopsicológica. As aulas de orientação foram de suma importância para que todas as estagiárias obtivessem êxitos nas suas respectivas escolas, principalmente porque, utilizando dos conceitos do campo semântico, díade e do protagonismo responsável, foram determinantes para trazer novidades no fazer o estágio no contexto da formação de novos pedagogos.

O estágio é muito importante para que as acadêmicas possam ter contato com as escolas e vivenciar a realidade e as demandas que permeiam a educação. A forma como a orientadora conduziu as estagiárias, resultou em descobertas muito importantes, pois ao trabalhar com a Ontopsicologia Aplicada à Pedagogia, aprendeu-se a olhar para os alunos por outro ângulo.



O papel assumido enquanto estagiária, nos conduziu a buscar conhecer cada criança mais profundamente. Assim como se aprendeu a perceber as crianças por outro ângulo, também foi necessária a lapidação do olhar para si mesma. Começar a perceber a essência da vida e os significados das palavras que eram utilizadas em aula. Pode-se dizer que trabalhar por meio da Ontopsicologia Aplicada à Pedagogia foi de grande valia para as acadêmicas em processo inicial de formação.

### 5. Referências

GIORDANI, E. M. & MENDES, A. M. M. Pedagogia Ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Nuances: estudos sobre Educação*. Ano XVII, v. 20 n. 21, set/dez, 2011.

GIORDANI, E. M.; RAMBO, M. C. Leitura como instrumento de construção do sujeito histórico. *Revista Latino-Americana de História*. Vol. 2, no. 6, agosto de 2013. Edição Especial. Disponível em <http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/262/215>. Acesso em 06/08/2016

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

VIDOR, A. *Relação entre pais e filhos: a origem dos problemas*. Passo Fundo: Berthier, 1977.

### APÊNDICES



Foto 1 - Criança cortando a massa para o biscoito em comemoração ao dia das mães



Foto 2 - Turma fazendo o biscoito para o dia das mães



Foto 3 - Crianças plantando a semente de girassol





Foto 4 - Confeção de material didático feita pelos alunos



Foto 5 - Plantação da árvore no pátio da escola